

SAINDO DO ARMÁRIO E QUEBRANDO O SILÊNCIO

Mariana Quadros Gimenez¹²⁷

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma proposta de investigação sobre as práticas discursivas do jornal *Lampião da Esquina*. Este periódico foi um dos meios de comunicação mais importantes do movimento homossexual brasileiro no fim da ditadura militar, entre os anos de 1978-1981, momento em que os governos de Ernesto Geisel (1974-1979) e João Figueiredo (1979-1981) empenharam-se no processo de abertura política do Brasil, visando recolocar o país rumo à democracia. O jornal contempla não só um movimento de resistência contra a ditadura militar, mas também se tornou espaço fértil para múltiplos processos de construção(ões) de identidade(s), questionamentos e desconstrução no que diz respeito as práticas comportamentais encaradas como “naturais”. A análise do discurso impresso no jornal pretende legitimá-lo e/ou questioná-lo como espaço de memória, de emancipação frente ao gueto, de construção de múltiplas identidades e espaço de diálogo com outros movimentos sociais da época. Pensar as transformações ocorridas em um determinado contexto histórico nos oferece a possibilidade de analisar e compreender os mecanismos que forjaram a formação da sociedade contemporânea. Parte-se do presente para questões do passado, porque é no presente que ações fomentam análises, interesses e necessidades, neste sentido, “Se lembramos, é porque os outros, a situação presente, nos fazem lembrar.” (BOSI, 2006, p. 54). Refletir o jornal é a possibilidade de pensar sobre as relações sociais do grupo homossexual em um momento complexo que se encontrava o Brasil no período, desta forma buscando compreender uma entre tantas outras dinâmicas que contribuíram para construção da sociedade brasileira em um determinado tempo e espaço.

PALAVRAS CHAVE: Ditadura; discursividade; homossexualidade; Jornal *Lampião da Esquina*

Durante muito tempo o único saber referente aos homossexuais foi legitimado por um discurso médico e religioso, que gerou uma imagem desqualificada destes indivíduos e, por isso, impondo um regime de silêncio às práticas homoafetivas. Michel Foucault em “A microfísica do poder”, nos atenta que a vontade de saber de uma época é produzida por um discurso que tem o poder de legitimar ou condenar determinadas práticas, ou seja, silenciando ou dando voz a grupos e a indivíduos. Nesta perspectiva podemos considerar que as dinâmicas sociais não seguem uma linearidade, com um começo, meio e fim, mas são conduzidas por acasos, rupturas e discontinuidades.

Foi essa “vontade de saber” e o questionamento do saber até então vigente, que em 1970 permitiu a inserção de novos objetos passíveis de análises, homens e mulheres, antes silenciados e ignorados pela História. Momento em que se fez necessário desconstruir

¹²⁷Mestranda do curso de pós-graduação em História pela Universidade Federal da Grande Dourados, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: mariqgimenez@hotmail.com.

verdades para compreender as relações de poder que forjaram a submissão e a marginalização de grupos e indivíduos na sociedade.

Entre estes indivíduos “sem história” destacamos os homossexuais, que estiveram e estão cada vez mais reivindicando uma posição legítima na sociedade. A década de 1970 foi um momento significativo da atuação do movimento homossexual no mundo, o que refletiu na produção historiográfica nos anos seguintes. Em se tratando do movimento homossexual no Brasil, podemos destacar uma presença significativa da atuação destes sujeitos na sociedade da época: a formação de grupos teatrais; criação organizações não governamentais; colunas em jornais abordando o tema; e a criação de jornais alternativos especializados.

O objeto de pesquisa contemplado nesta pesquisa diz respeito a um jornal de referência homossexual que circulou no Brasil entre os anos de 1978-1981, o *Lampião da Esquina*. Este jornal foi a primeira manifestação homossexual impressa, de grande porte, haja vista a existência anterior de outras publicações menos expressivas.

Este periódico é suporte de memória, espaço de resistência e rede de saber/poder, que contribuiu para a personificação e legitimação do sujeito homossexual da época. Desvendar estas relações é compreender sobre qual discurso a prática homoafetiva se fez e quais as aflições destes sujeitos no final da década de 1970 no Brasil. O discurso do *Lampião da Esquina* é um entre tantos outros espaços para a construção de uma verdade, que vai ou não representar o grupo.

O jornal deixa claro no editorial da edição experimental nº0 o seu objetivo principal, questionar a ideia que se tinha do homossexual até aquele momento.

[...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (LAMPPIÃO. nº0, p.2, abr, 1978)

Os idealizadores do jornal buscaram o sujeito homossexual em vários espaços da sociedade, localizando esses sujeitos nos guetos¹²⁸ autorizados a eles: da religião, das artes, da noite, das festas populares, da história, do sexo, da imprensa, etc. São nestes lugares sociais que o discurso do jornal tentou (des)construir a imagem negativa do homossexual.

¹²⁸O termo é aplicado às áreas autorizadas onde qualquer grupo minoritário é forçado a viver em espaços para conviver entre os pares devido à pressão social exercida por questões morais, econômicas, religiosas ou étnicas.

O jornal como espaço para a afirmação de gênero

Classificamos o jornal *Lampião da Esquina* como parte da imprensa alternativa da época, pois, entre os objetivos do jornal, destacamos os questionamentos dos padrões comportamentais e reivindicação de espaço comum aos homossexuais na sociedade brasileira da época.

Podemos compreender que a expressão “jornal alternativo” vai além da intenção de oferecer ao leitor uma outra opção de leitura. Conforme Bernardo Kucinski, em “Jornalistas e Revolucionários”¹²⁹, tais impressos eram ferramentas de comunicação que tinham como característica publicar informações que apresentavam oposição aos interesses ou tendências políticas e culturais hegemônicas. De acordo com Kucinski (1991) existiam dois tipos de jornais alternativos: os essencialmente políticos, que tinham como base ideológica ideais marxistas e os que estavam sobre a esteira da contracultura, onde questionavam os padrões morais tradicionais e almejavam uma ruptura cultural. Tanto um como outro eram uma alternativa frente a grande imprensa tradicional do período, ambos cobravam a restauração da democracia e o respeito aos direitos humanos.

É inquestionável que os meios de comunicação, independente dos meios técnicos¹³⁰, são ferramentas de ação para a resistência, (re)construção ou manutenção de padrões políticos e comportamentais. Ou seja, as mídias são meios pelos quais a vida social é construída com os mais diversos objetivos. Os jornais são um exemplo de suporte físico que dão guarita para os discursos legitimadores ou questionadores de práticas sociais.

Por meio do jornal os idealizadores do projeto *Lampião da Esquina* contribuíram para a construção de uma outra representatividade dos indivíduos de orientação homossexual, momento que utilizaram a mídia impressa como suporte para a afirmação destes sujeitos antes identificados pelo discurso médico e religioso como portadores de um desvio de comportamento.

Conforme Gilberto Velho, na obra “Desvio e Divergência”, o comportamento desviante é criado por grupos sociais majoritários que estabelecem o desvio aos sujeitos ou grupos que violam regras sociais predominantes. Nesta perspectiva os homossexuais desobedeceriam a um preceito social dominante, ou seja, ter relações sexuais/afetivas com indivíduos do mesmo sexo. Em uma sociedade onde as práticas sexuais autorizadas estão baseadas na conduta

¹²⁹ Obra que aborda o papel dos jornais alternativos na ditadura militar brasileira entre os anos de 1968-1985.

¹³⁰ O meio técnico é o substrato material das formas simbólicas, isto é, o elemento material com que, ou por meio do qual, a informação ou conteúdo simbólico é fixado e transmitido do produtor para o receptor. Todos os processos de intercâmbio simbólico envolvem um meio técnico de algum tipo. (THOMPSON, p.26, 1998).

heterossexual, os homossexuais são classificados como desviantes e, por isso, sofrem sanções de caráter concreto ou simbólico.

A conduta sexual tradicional tem como alicerce a dualidade, estabelecendo papéis fixos para homens e mulheres, Judith Butler, em seu livro “Problemas de gênero”, nos atenta sobre como a identidade de gênero se tornou categoria de análise questionadora dos padrões sexuais tradicionais. De acordo com a autora o gênero é culturalmente construído independente do sexo biológico, ou seja, tanto os símbolos inscritos sobre o corpo, como a prática deste são construtos culturais. Desta forma podemos considerar que a prática sexual sob a base heterossexual é uma entre tantas outras possibilidades de relações sexuais/afetivas.

É por este viés que, por meio do jornal, um grupo de artistas e intelectuais pretendia desmistificar os discursos que legitimaram apenas as práticas heterossexuais, que colocavam os sujeitos de orientação homossexual em posição marginal diante da sociedade, almejando assim descortinar as práticas destes sujeitos como mais uma conduta sexual existente na sociedade.

A criação de espaços públicos para poder falar e se expressar fez parte do movimento homossexual na década de 1970, por meio de jornais, do teatro, do cinema e de organizações não governamentais, espaços onde os indivíduos se reconheciam enquanto iguais e, por isso, mais fortes. Desta forma quebrando o silêncio imposto, levando a público questões referentes às sexualidades e ao corpo.

Era evidente para os idealizadores do jornal que quanto mais se falasse sobre as questões referentes aos homossexuais, quanto mais conhecimento produzido, mais legitimidade estes sujeitos alcançariam. O que fica evidente no trecho do editorial da edição nº1, “[...] o conhecimento pode ser sinônimo de poder e que a fala torna visíveis questões concretas, mas não reconhecidas, não registradas, portanto, sem existência histórica.” (LAMPPIÃO. nº1, p.2, maio, 1978). Haja vista a memória como instrumento de poder, o jornal é um dos objetos físicos que vai dar guarida a memória do movimento homossexual brasileiro da época, proporcionando caminhos sólidos para a ação destes sujeitos na sociedade.

Analisando em um plano mais subjetivo o jornal pretendia ir além das problemáticas superficiais que cercavam os homossexuais da época, como podemos demonstrar no trecho abaixo:

[...] o inimigo está dentro de casa e dentro de cada um de nós. Se somos todos peixes apanhados nessa rede de definições pré-estabelecidas, nossa única chance de escapar dela é visualiza-la constantemente perguntando a que propósitos ela serve, qual é a malha específica em que nos encontramos (nesta rede maior) e lembrar que ela pode ser desfeita como foi tecida. (LAMPPIÃO. nº1, p.2, maio, 1978)

Clifford Geertz, na obra “A interpretação das culturas”, já nos chamava atenção de como as dinâmicas sociais são construídas, ou como ele mesmo diz, tecidas pelo próprio homem. Muitas vezes somos os nossos próprios carrascos, envolvidos por discursos legitimadores tomamos para si ideias muitas vezes de forma inconsciente. Desconstruir esses discursos dominantes é compreender sobre que bases e a que propósitos determinadas práticas se forjaram durante o tempo, e entender a nossa própria condição na sociedade.

O jornal como fonte histórica

A utilização dos jornais como fonte de pesquisa para a escrita da História vai ocorrer na terceira geração dos Annales¹³¹, haja vista que, antes os historiadores tinham como princípio trabalhar com fontes marcadas, principalmente, pela fidelidade ao fato ocorrido. Após a virada epistemológica nos anos de 1970, a historiografia foi presenteada com um número inesgotável de fontes históricas, abarcando também os jornais como fontes riquíssimas para a construção da história.

Mesmo sendo considerada parcial e marcada por ideologias, a mídia impressa foi aceita como ferramenta de compreensão do passado, na verdade os historiadores viam neste aspecto, terreno próspero para uma análise mais subjetiva da sociedade, perspectiva essa que camuflava realidades políticas e sociais que muitas vezes passavam despercebidas nas análises históricas.

Os jornais, além de serem consideradas fontes legítimas para a pesquisa histórica, se tornaram também objeto de estudo eleito por muitos historiadores. Tal escolha se justifica pela compreensão da imprensa escrita como dispositivo provocador de dinâmicas sociais, ela ocupa um espaço público, faz circular ideias e interferem no cotidiano político e social de uma dada sociedade.

Entendemos o *Lampião da Esquina* como um espaço para a construção de representações orquestradas por um grupo de intelectuais, que tinham no jornal um lugar para exposição de suas percepções do mundo social. Essas percepções não são de forma alguma neutras, mesmo se tratado de jornalismo, são interpretações do social construídas conforme a posição de quem e de onde se escreve.

No que diz respeito à análise de periódicos, Tania Regina de Luca em seu artigo “História dos, nos e por periódico”, destaca alguns procedimentos necessários para a pesquisa com a mídia

¹³¹ Movimento historiográfico que aconteceu na França em 1929, seu principal objetivo era questionar a prática historiográfica até então vigente, o positivismo. A “Escola dos Annales”, como é mais conhecida, possui três gerações de historiadores que vão inaugurar novas perspectivas de se fazer história.

impressa, a autora destaca vários pontos a serem levados em consideração, aqui irei destacar os mais relevantes, tendo em vista que a própria autora deixa claro que são sugestões metodológicas para quem deseja pesquisar no e por jornais.

De acordo com a autora, em um primeiro momento se faz necessário identificar as características físicas do periódico: a qualidade do papel, da impressão, a existência de cores e fotografias, que refletem a situação financeira do jornal. Esta primeira análise é um link para identificar as fontes de receita do grupo, ou seja, a existência ou não de vínculos econômicos, o que pode refletir nos objetivos do jornal ou até mesmo na mudança de objetivos durante o tempo. A publicidade existente no periódico nos ajuda a identificar, além dos aspectos econômicos, mensagens mais subjetivas sobre o impresso.

A autora também chama atenção para a estruturação e divisão do conteúdo eleito para publicação. A organização da capa mostra muito sobre o que é merecedor de destaque, e que, ao lado da organização das matérias internas, refletem o que é marginal e o que é central dentro do jornal.

Identificar os indivíduos responsáveis pelo editorial e seus colaboradores é outra preocupação de Luca (2008), ter um conhecimento biográfico destes sujeitos, posição política, profissão e relações interpessoais, podem ajudar a compreender os discursos construídos e impressos no jornal.

O jornal como fonte e objeto de estudo, é por este viés que pretendemos abordar o *Lampião da Esquina*, objeto e fonte se confundem, ou melhor, se completam. É na sua contextualização histórica que encontrei o meu objeto de estudo, um jornal feito por homossexuais para homossexuais em plena ditadura militar. Tornou-se fonte para mim enquanto suporte de discursos, significados guardados nas entrelinhas dos textos, no traço das charges, nas aflições impressas nas cartas, na ousadia das fotografias, em pouca publicidade, nas cores vivas, no papel amarelado, no preço de cada edição e na valentia dos idealizadores/autores que fizeram jus ao nome escolhido, *Lampião*.

FONTES CITADAS

ACOSTA, Adão et al. **Saindo do Gueto**. Jornal *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro: nº0, p.2, abr, 1978.

ACOSTA, Adão et al. **Nossas gaiolas comuns**. Jornal *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro: nº1, p.2, maio, 1978.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Nietzsche, a genealogia e a história.** In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

KUCINSKI, Bernado. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, C. B. (org.) Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1981.